

Hélia Correia

O RANCOR



RELÓGIO D'ÁGUA



Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
Telef.: 21 8474450 Fax: 21 8470775
Internet: <http://www.relogiodagua.pt>
mail: relogiodagua@relogiodagua.pt

Título: O Rancor — Exercício sobre Helena

Autor: Hélia Correia

Capa: Fernando Mateus sobre fotografia a preto e branco com Lee Miller
(de fotógrafo desconhecido)

© Relógio D'Água Editores, Julho de 2000

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores

Impressão: Rolo & Filhos, Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal n.º: 154001/00

Hélia Correia

O Rancor

Exercício sobre Helena

Teatro

PERSONAGENS

MENELAU, rei de Esparta

ETRA, escrava de Helena, mãe de Teseu

HELENA, rainha de Esparta

HERMÍONE, filha de Helena e Menelau

PIRRO, filho de Aquiles, marido de Hermíone

TELÉMACO, filho de Ulisses

ORESTES, filho de Agamémnon, sobrinho de Helena

ERÍNIAS, deusas do remorso

1.º ACTO

Salão principal no palácio de Esparta. Arranjos para uma recepção.

Menelau entra, já ataviado.

MENELAU (*ensaia*) — Eu, Menelau, rei da Lacónia, rei de Esparta, a dotada de tão bravos habitantes que nunca precisou que erigissem muralhas para reforço da defesa, eu, Menelau, da casa dos Atridas, te dou as boas-vindas, ó meu filho. Sim, chamo-te meu filho, porque teu pai, Ulisses, é um irmão para mim. E não seria... (*Suspendendo o discurso*): Mas não vem, essa mulher? (*Chamando*) Etra! A tua rainha, onde está ela?

ETRA — Helena está ainda a arranjar-se.

MENELAU — A arranjar-se! Mas Telémaco já espera... Não é correcto que se faça esperar um viajante que teve, com certeza, uma longa jornada até aqui...

ETRA — Ora, Menelau, sabes como são as mulheres...

MENELAU — As mulheres! Mas Helena não precisa de enfeites. Podia apresentar-se esfarrapada, suja, e ainda assim ofuscaria toda a gente.

ETRA — Ela deve arranjar-se conforme as circunstâncias. Quer se queira, quer não, é a rainha.

MENELAU (*desconfiado*) — Quer se queira, quer não?...

ETRA — É a rainha.

MENELAU (*refazendo-se*) — Pois diz-lhe que se apresse. Não posso receber o hóspede sem ela.

ETRA — É a vossa mania de espartanos.

MENELAU — Que mania?

ETRA — Mostrarem as mulheres. Olha que deu um belo resultado...

MENELAU (*contrariando*) — E deu! E deu um belo resultado!

ETRA — O massacre de Tróia.

MENELAU — A conquista de Tróia. De qualquer modo, ó velha, devias achar bem que as mulheres gozem destas liberdades. Gostavas de passar a vida enclausurada, presa num gineceu sem ar, sem sol?

ETRA — Que diferença me faz? Sou uma escrava.

MENELAU — És uma escrava especial.

ETRA — Sou uma escrava.

MENELAU — Toda a gente te trata com deferência. Que escrava és tu, diz, que te demoras a discutir comigo em vez de ires pentear tua senhora?

ETRA — Ela não quer. Queixou-se. Que eu lhe puxo os cabelos.

MENELAU (*rindo*) — Eh, eh! Ao menos minha filha Hermíone está pronta?

ETRA — Está. Mas não pode entrar à frente da rainha.

MENELAU — Pois. Rainha é rainha. Está muito bem assim. Está tudo bem, aliás. Anima-te, Etra! Não estragues o festim.

ETRA — Mas quem sou eu para estragar o festim do grande Menelau?

MENELAU — Sabes bem... (*Entra Helena, seguida das mulheres; Helena usa uma cabeleira egípcia*) — Ah, a mais deslumbrante das mulheres! Mais do que uma mulher. Filha de Zeus. Avança, avança, instala-te depressa. E tu também, Hermíone, minha filha. Teu marido onde está? Ai, que família tão desorganizada.

HELENA — Sossega. Que maneiras, meu marido. Pareces o pastor a juntar as ovelhas na encosta de um monte. Olha o porte, não esqueças que és um rei.

MENELAU — Filho e neto de rei, que ninguém esqueça.

ETRA — Ah, não, ninguém se esquece. Ninguém se esquecerá. Um banquete em que o pai come os filhos guisados.

MENELAU — Cala-te, velha!

HERMÍONE — Nem me falem nisso. Oh, deuses, com histórias tão tristes na família, feliz será quem nunca tiver filhos.

HELENA — Olha se teu marido ouvisse, Hermíone...

PIRRO (*entrando*) — Ouvisse o quê, rainha? Que disse ela?

HELENA — Nada. A tua mulher falava contra a guerra. As mulheres falam contra a guerra, os homens zangam-se. É sempre assim.

PIRRO — Pois bem, já estou zangado.

HERMÍONE — Estás sempre zangado.

PIRRO — Queres que eu bata nas coxas e me saracoteie e toque pandeireta? Já disse muita vez. Esparta aborrece-me.

HERMÍONE — É a paz que te aborrece. Vocês não sabem que fazer vivendo em paz.

MENELAU — Ah, isso também não. Eu, por exemplo, fui bom na guerra. Ou não? Sou bom na guerra. Mas também gosto muito desta paz. É outro asseio, é outra mesa, é outra cama. Não é vergonha que um rei goste do seu reino, de estar em sua casa, de receber visitas, de falar...

HERMÍONE — E de que assuntos falam vocês, hã?

MENELAU (*com um risinho envergonhado, concordando*) — Pois é certo: da guerra. Não tem dúvida. E como honramos

nós os nossos deuses? É com jogos de guerra, com carros de combate. Uma grande senhora a guerra, sim.

ETRA — Uma cabra.

PIRRO — Essa velha não sabe pôr-se no seu lugar!

MENELAU — Oh, calma, genro, calma. Não vamos receber o nosso visitante tensos, vermelhos, de cabelo em pé. Eu quero, ouvis? Eu quero que a corte de Esparta seja exemplo de... (*Entra Telémaco*). Ah, sê bem-vindo a minha casa, filho. (*Declama*): Eu, Menelau, rei da Lacónia, rei de Esparta, a dotada de tão bravos habitantes que nunca precisou que erigissem muralhas para reforço da defesa, eu, Menelau, da casa dos Atridas, te dou as boas-vindas, ó meu filho. Sim, chamo-te meu filho, porque teu pai, Ulisses, é um irmão para mim. E não seria necessário invocar a qualidade de hóspede, sagrada, é certo, mas igual para todo o homem, seja ele grego ou bárbaro, pois é como parente que quero receber-te.

TELÉMACO — Grande honra a minha, ó Menelau, rei dos Lacónios, soberano de Esparta, a tão temível que dispensa muralhas. Eu te saúdo, eu te saúdo, herói de Tróia.

MENELAU — Vem conhecer minha mulher, Helena.

TELÉMACO — Oh! Louvores sejam dados a Afrodite, que não exista nesta terra aquele costume de se cobrir o rosto das mulheres ou de as manter fechadas nas traseiras, inacessíveis ao olhar de estranhos. Não ver Helena era não ver a luz do sol.

HELENA — Falas de belo modo. Vê-se bem que és o filho de Ulisses, o manhoso. E que nos contas sobre tua mãe? Sabes que foi com a ajuda do rei Tíndaro...

MENELAU — O pai dela.

HELENA — Pai adoptivo, Menelau. Meu pai é Zeus.

MENELAU — Meu sogro é Zeus.

TELÉMACO — Isso é sabido em toda a parte.

HELENA — Pois foi com a ajuda do rei Tíndaro que Ulisses conseguiu casar-se com Penélope.

MENELAU — Ah, histórias de amor... Histórias de amor...
Teu pai, Ulisses, teve a ver com a nossa, sabias?

TELÉMACO — Minha mãe contou-me, sim. (*Perante a decepção de Menelau*) Mas terei todo o gosto se a puder escutar das vossas próprias bocas.

HELENA — Ai, meu marido adora histórias velhas. Remexe no passado como os corvos costumam remexer em estrumeiras.

MENELAU — Mas foste tu quem começou. Não foi?

HELENA (*caricaturando-o*) — Bem, vamos lá: chegada à idade de casar, Helena, a Bela, filha do grande Zeus, gerada na cama do rei Tíndaro...

ETRA (*ironizando; não quer realmente significar aquilo que diz*) — E que até ali tinha vivido, a bem dizer, escondida sob as saias da mãe...

MENELAU (*corrigindo o tom da narrativa*) — Helena, a Bela, teve tantos pretendentes que seu pai não sabia o que fazer, receando criar nos rejeitados disposições hostis, e que aquilo

tudo acabasse por dar em guerra e assassínios. E então Ulisses, ele próprio pretendente, propôs que fosse a interessada a decidir. E que todos os outros acordassem num pacto de honra, pelo qual aceitariam a escolha de Helena e, mais ainda, prometiam acorrer com armas e com homens, mal pairasse o mais pequeno perigo sobre a tranquilidade do futuro casal. Ora Helena escolheu-me...

HELENA — Hás-de dizer que teu irmão influiu muito nessa escolha. Teu irmão Agamémnon... Já nesse tempo conhecia bem as artes da estratégia e o poder das duplas alianças de família.

ETRA — Sempre foi voz corrente que casarem dois irmãos com mulheres que são irmãs a nenhum deles trará felicidade. E então, com gémeas, tu e Clitemnestra...

MENELAU — Cala-te, ó agoirenta! (*Mudando de tom, para Telémaco*) — Ah, não te apresentei a venerável Etra, que tem acompanhado Helena a toda a parte. São na verdade como mãe e filha.

TELÉMACO — Etra?...

ETRA — Mulher de Egeu. Mãe de Teseu, o salvador de Atenas.

TELÉMACO — O que matou o monstro Minotauro. Ah, não esperava ver-te aqui, senhora.

MENELAU — Mora connosco há muito, muito tempo.

ETRA — Moro com a mulher de Menelau, onde quer que ela tenha a sua cama. Em Esparta, em Tróia, em Esparta novamente.

TELÉMACO — Ah, feliz amizade. Pois quem dera a minha mãe contar com uma amiga. As escravas, é claro, atraíram-na.

ETRA — Sim, é coisa bem rara uma escrava leal. Sonham com a morte da senhora, as escravas.

HELENA (*com intenção*) — Sobretudo se forem de nobre nascimento e os desastres da guerra a condenaram a servir a mulher do inimigo.

MENELAU (*desdramatizando*) — Ou o próprio inimigo, eh, eh! Mas diz, meu filho: que sucede a tua mãe?

TELÉMACO — Ora, senhor, sabei que de todo o lugar ao longo destes anos chegaram visitantes com a ideia de casar com aquela que é a rainha de Ítaca.

MENELAU — Mas é casada, tua mãe!

TELÉMACO — Ou é viúva? Já todos os guerreiros regressaram da conquista de Tróia, já tomaram o devido lugar nas suas casas, e de meu pai não há sequer notícias. Estará perdido, enfeitiçado, morto? Terá fundado um novo reino, outra família? Eis o que venho perguntar-vos. Se podeis dizer-me qualquer coisa a seu respeito.

HELENA — Teu pai vive espantosas aventuras. Navegará ainda certo tempo, mas finalmente aportará na sua terra.

TELÉMACO — Viste-o? Que sabes dele?

HELENA — Saímos juntos das ruínas de Tróia.

MENELAU — Quando, para nos refazermos, parámos no Egipto, disse-lhe um adivinho que ele teria dez anos de deriva pela frente.

HELENA — Mas tudo acabará em bem, descansa.

TELÉMACO — Juras?

HELENA — Juro.

MENELAU — Juramos.

TELÉMACO — Devo partir, então, sem mais demora, para levar esse consolo a minha mãe.

ETRA — Crê-se viúva, ela? Já pôs luto?

TELÉMACO — Senhora, não. Espera meu pai. Sempre o esperou. Mas tem a casa cheia com aqueles pretendentes a quem, pelas leis sagradas da hospitalidade, não pode pôr na rua. E eles comem, e bebem, e dormem com as criadas, e pressionam minha mãe com insolência, querendo obrigá-la a decidir-se por um deles para casar de novo.

PIRRO — E tu, que fazes?

MENELAU (*apresentando-o*) — É o meu genro Pirro, filho do grande Aquiles.

TELÉMACO — Filho do grande Aquiles?

HELENA (*com acinte*) — Dinastia de heróis.

ETRA — Inesquecíveis.